

O DIABO VESTE VERMELHO: A REVISTA MILITAR BRASILEIRA E O ANTICOMUNISMO NO EXÉRCITO

THE DEVIL WEARS RED: THE BRAZILIAN MILITARY MAGAZINE AND ANTI-COMMUNISM IN THE ARMY

Cesar Alves da Silva Filho¹

Resumo: O presente artigo procura mostrar de que maneira a Revista Militar Brasileira, instrumento oficial de propagação das ideias do Estado-Maior do Exército, contribuiu para a construção do pensamento anticomunista da oficialidade entre o período de 1930-1945. Metodologicamente, este trabalho procurou estudar outros autores que trabalharam igualmente com periódicos, como Aline Locastre e Ciro Marques Reis, que pesquisaram a revista “Em guarda” e “Nação Armada”, respectivamente.

Palavras-Chave: Exército; Comunismo; Brasil.

Abstract: The present article seeks to show how the Brazilian Military Magazine, an official tool for the propagation of the ideas of the Army's General Staff, contributed to the construction of the anti-communist thinking of the officer between the period 1930-1945. Methodologically, this work sought to study other authors who also worked with journals, such as Aline Locastre and Ciro Marques Reis, who researched the magazine “Em guarda” and “Nação Armada”, respectively.

Keywords: Army, Communism, Brazil.

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer um estudo da Revista Militar Brasileira (RMB) no período entre 1930-1945 e compreender como a temática do anticomunismo esteve presente em suas publicações, bem como compreender como este tema foi ficando mais evidente na medida em que ficava mais clara a concretização da chamada Aliança Militar Brasil-EUA².

¹ Doutorando em História (PPGHIS- UFMT). Possui experiência em História Militar, especialmente na questão do projeto industrializante do Brasil apoiado pelo Exército durante o governo Vargas (1930-1945), o anticomunismo nas Forças Armadas e as relações Brasil- EUA durante a Segunda Guerra Mundial.

² Consultar MCCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

Para construir a metodologia deste trabalho, foram pesquisados alguns autores que trabalharam igualmente com periódicos, como é o caso de Aline Locastre³, que estudou a revista estadunidense "Em Guarda", veiculada em vários países da América, inclusive no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A autora procura mostrar, através da análise de seu objeto, o esforço em construir uma boa imagem dos EUA dentro da "Política da Boa Vizinhança". Seu foco de estudo propõe a análise do conteúdo impresso dos anos que vão de 1941 a 1945 e assim entender um pouco mais sobre a referida política e verificar as projeções de um Brasil no pós-guerra, por meio do olhar dos editores da revista.

Ciro Marques Reis, através da análise da revista Nação Armada, publicação de caráter civil-militar dedicada à Segurança Nacional e publicada pelo Exército brasileiro entre 1939 e 1947, procurou compreender o processo de construção de um pensamento autoritário e anticomunista entre a oficialidade e medir a contribuição do periódico neste processo.⁴

A partir da leitura prévia destes trabalhos, entendemos a importância do diálogo com as fontes e da análise do discurso, no sentido de que toda imprensa periódica seleciona, ordena e narra àquilo que se julga importante de chegar até os leitores. Tânia Regina de Luca toca mais precisamente nesse assunto ao afirmar que o historiador que trabalha com periódicos precisa dar conta das motivações que levaram determinados editores a dar publicidade a certo tema. Por esse motivo é imprescindível “identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha dos títulos e do conteúdo programático”⁵.

A autora estabelece então algumas sugestões práticas para o pesquisador que deseja trabalhar com este tipo de fonte primária. Entretanto, lembra ela, não existe uma receita prática a ser aplicada em todas as pesquisas, pois cada fonte tem sua especificidade. Assim sendo, uma série de procedimentos são indicados pela mesma, como podemos observar:

- Encontrar fontes e construir uma longa e representativa série
- Localizar a (s) publicação (ções) na história da imprensa
- Atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão, papel, uso/ausência de iconografia e publicidade)
- Assenhorar-se da forma da organização interna do conteúdo.

³ LOCASTRE, Aline Vanessa. *Projeção do Brasil para o pós-guerra: a boa vizinhança estadunidense no Brasil segundo a revista Em Guarda (1941-1945)*. Mestrado acadêmico em História Social. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Londrina, LONDRINA. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, 2012.

⁴ REIS, Ciro Marques. *Construção do pensamento autoritário anticomunista no Exército brasileiro nas páginas da revista Nação Armada (1939-1947)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História. Instituição de ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

⁵ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (ORG). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 140.

Caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação.

Identificar os principais colaboradores

Identificar o público a que se destinava

Identificar as fontes de receita

Analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida.⁶

Contextualizamos nossa circunscrição temporal e temática à Era Vargas⁷ e ao momento internacional deste período, como a Segunda Guerra Mundial e o comunismo. Autores como Azevedo Amaral, Francisco Campos e Oliveira Vianna nos forneceram um arcabouço primordial para o entendimento de um pensamento autoritário no Brasil na primeira metade do século XX⁸.

Neste artigo, nos apropriaremos do modelo explicativo de José Murilo de Carvalho⁹ para estudar o período em questão. O autor faz uso de um recorte temporal utilizando terminologias muito apropriadas para o estudo deste tema, dividindo a relação de Vargas com o Exército em três fases, que são o namoro (1930-1937), a Lua-de-mel (1937-1945) e o divórcio (1945-1964)¹⁰.

Nesta primeira fase, caracterizada como namoro, o autor aponta que existia, dentre a oficialidade do Exército, um conflito de natureza ideológica e política. José Murilo então detecta alguns modelos distintos de conflitos existentes que separavam estes militares: o do soldado profissional, o intervencionismo reformista e o modelo influenciado pelo Partido Comunista.

Breve Histórico da Revista Militar Brasileira

Dito isto, faz-se agora necessário uma contextualização da revista. A Revista Militar Brasileira nasceu em 1882, deste período até o ano de 1889 se chamava Revista do Exército Brasileiro. Posteriormente, nos anos de 1899 a 1908 ela sofre uma mudança de nome e passa a

⁶ Ibidem. P. 142

⁷ Existe uma rica e consagrada bibliografia que se dedica a estudar o governo de Vargas, aqui estão alguns: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 3ª Ed. FAUSTO, Bóris. *A revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1986. ARAUJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

⁸ Ver: FILHO, Cesar Alves da Silva. *O namoro perfeito: o papel da Revista Militar Brasileira na construção do consenso político entre o Exército e o governo Vargas (1930-1945)*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Universidade Salgado de Oliveira. PPGH UNIVERSO, 2017.

⁹ Sobre este tema, ver: CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. In: *Forças armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

¹⁰ Pelo que nos propomos a fazer neste artigo, não nos preocuparemos em estudar a fase do divórcio entre Vargas e os Militares, que talvez possa virar tema de uma futura pesquisa.

se chamar Revista Militar. Em 1911, houve uma nova mudança e seu nome passa a ser Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército, permanecendo assim até o ano de 1923. Uma nova modificação ocorre em 1924, e até o ano de 1981 ela passa a se chamar Revista Militar Brasileira e, a partir de 1982 até os dias atuais, seu nome é Revista do Exército Brasileiro.

Embora a revista, entre os anos de 1882 e 1887, não possuísse um caráter oficial, pois era editada por um grupo de oficiais, suas publicações, já nesta época, procuravam discutir temas de interesse da oficialidade. Com a criação do Estado-Maior do Exército em 1899, passa a se chamar Revista Militar e adquire um caráter oficial deste órgão¹¹.

Segundo Sérgio Ricardo Reis Mattos¹² e Júlio Cezar Fidalgo Zary¹³, a Revista Militar Brasileira representava o pensamento oficial do Exército. Nas primeiras décadas do século XX, os militares enfrentavam um intenso debate sobre qual modelo organizacional seguir, se deveria ser o alemão ou o francês. Este debate não estava alheio ao que a revista publicava, pois se tratava de um periódico militar oficial brasileiro¹⁴.

O Anticomunismo

Não é novidade para nenhum pesquisador que as forças armadas no Brasil possuem também uma cultura política anticomunista. De uma maneira mais particularizada, a questão do anticomunismo no Brasil pode ser mais bem compreendida se procurarmos entender a história do proletariado brasileiro e os efeitos das greves que vão de 1917 a 1920 no âmbito da luta de classes na sociedade, com uma reação feroz da classe burguesa e seus aparatos repressivos.

No final da segunda década do século XX estoura uma greve no Brasil. No plano internacional, a Europa estava em uma ebulição política, pois na Rússia do regime dos Czares, o processo revolucionário estava em pleno acontecimento. Evidentemente, os acontecimentos

¹¹ Para informações mais detalhadas da revista, ver: FILHO, Cesar Alves da Silva. *O namoro perfeito: o papel da Revista Militar Brasileira na construção do consenso político entre o Exército e o governo Vargas (1930-1945)*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Universidade Salgado de Oliveira. PPGH UNIVERSO, 2017.

¹² Mestre em Relações Internacionais e Integração pela Universidad Mayor de San Andrés, Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

¹³ Major de Infantaria, Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

¹⁴ MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. *A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial*. Revista do Exército Brasileiro, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. Disponível em: http://www.esg.br/images/Laboratorio/publicacoes/REB_rev_labsdef_Sergio.pdf. Acessado em 25/05/2019

políticos europeus influenciaram a política nacional e importantes greves serão notadas entre 1917 e 1920¹⁵.

E desde o início deste processo, a imprensa nacional, comprometida com os interesses das elites econômicas, sempre atacou o comunismo, criando, portanto, uma imagem negativa no imaginário brasileiro.¹⁶ É a partir daí que poderemos compreender a trajetória do pensamento conservador e anticomunista no país, que foi construído de modo a projetar uma imagem negativa do bolchevismo dentro do Brasil.

A somatória de todos estes processos descritos brevemente podem explicar determinadas representações que se espalham muito facilmente no imaginário de determinados setores conservadores do Brasil, que disseminavam imagens de comunistas que “comiam criancinhas” ou de “comunistas que ameaçavam os lares cristãos”.

A influência europeia também merece receber algum destaque. Durante as décadas de 1920 e 1930, a fonte de inspiração para as ideias anticomunistas vinham da França. Nessa mesma época a Missão Militar Francesa também era muito presente dentro da estrutura organizacional do Exército, deixando bem clara a influência deste país, tanto no meio civil quanto no meio militar. Estas interferências externas são demonstradas por Rodrigo Patto, pois este afirma que as influências anticomunistas no Brasil foram marcadas por um movimento mais amplo, vindas de fora do país.

No entanto, nos alerta Patto, não podemos achar que não existiram dinâmicas próprias internas que propiciaram que esse sentimento se afluísse internamente. Prova disso são os ataques da imprensa brasileira ao comunismo¹⁷, desde a Revolução Russa de 1917, que já merece destaque junto aos jornais ainda em seus primeiros momentos. A revolução de fevereiro foi aplaudida pelos jornais, já a revolução de outubro, bolchevique, fora vítima de ataques

¹⁵ BANDEIRA, Moniz. MELO, Clóvis. ANDRADE, A.T. **O ano vermelho: A revolução russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980. 2ª Ed.

¹⁶ A leitura de Rodrigo Patto é muito importante para se entender esta questão. O autor deixa claro que o sentimento contrário a esta linha política surgiu logo após a Revolução russa de 1917. Nesse sentido, fica claro aos olhos do leitor que o conservadorismo histórico das elites brasileiras contribuiu para o florescimento desse sentimento. Ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Primórdios do anticomunismo no Brasil: 1917-1935”. In: *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

¹⁷ Graças ao avanço tecnológico permitido pelo novo século, como a velocidade de informação se compararmos com os séculos anteriores, países periféricos como o Brasil passam a receber, de maneira quase que instantânea, notícias geradas por órgãos de imprensa distantes. A historiadora Lená Medeiros Menezes, portanto, afirma que não somente da Europa vieram ideias anticomunistas, fontes de notícias estadunidenses eram bastante consumidas pela imprensa nacional. Ver MENEZES, Lená Medeiros de. *Civilização x barbárie: mito de combate no discurso midiático sobre a revolução (1917-1921)* In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

ferozes.

Dentro desse contexto, a ameaça interna do comunismo, em um primeiro momento, não incomodava tanto quanto a revolução bolchevique na Rússia. O fato é que mesmo após a criação do PCB, em 1922, as atividades comunistas nacionais chamavam pouca atenção dos periódicos brasileiros.

Conforme a década de 1930 se aproximava, o anticomunismo no Brasil cresceria de uma forte maneira. Chegada à nova década e o processo político que derrubou a primeira república, os setores conservadores da sociedade brasileira temeram a possibilidade que o novo governo fosse dirigido por quadros de esquerda. Defensores de propostas antiliberais conquistam espaço dentro do processo de criação do novo governo e este fato gera alguma preocupação dentro de setores conservadores da sociedade, como o clero, a imprensa e os grandes empresários.

Marly Vianna¹⁸, ao se referir a este momento histórico, afirma que no bojo do novo governo, a política era seguida com combinações de repressões violentas e cooptações, mediante concessões econômicas e manipulações ideológicas de todo tipo, todas controladas pelo Estado, que via no anticomunismo um de seus principais pilares de sustentação.

Podemos observar que a autora concorda com Rodrigo Patto em relação à influência dos setores conservadores na direção da “revolução de 1930”. O autor cita ainda o momento em que uma proposta de reconhecimento diplomático da URSS chegou a ser ponto de pauta no novo governo, mas pressões internas fizeram que tal proposta fosse deixada de lado. Segundo Rodrigo Patto:

Também digno de nota é o episódio relacionado à proposta de reconhecimento diplomático da URSS, já que desde a ascensão dos bolcheviques o Brasil rompera relações com a antiga Rússia. Setores do novo governo defendiam o reatamento, mas pressões conservadoras sobre Getúlio Vargas levaram a ideia a ser engavetada.¹⁹

Somente o episódio envolvendo a diplomacia brasileira não foi necessário para convencer alguns setores que o novo governo nada tinha de comunista. Setores ligados aos produtores de café acusaram o governo federal de propagarem o comunismo quando parte de suas rendas geradas pela exportação do produto foram confiscadas para controlar as contas do

¹⁸VIANNA, Marly. *Os revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

¹⁹MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Primórdios do anticomunismo no Brasil: 1917-1935”. In: *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P. 25

Estado²⁰. A crise de 1929 gerou uma grave queda nos preços do café brasileiro e o governo federal não viu alternativa a não ser tomar esta iniciativa.

Logicamente que esta era uma acusação sem sentido, se atentarmos ao fato, por exemplo, que Getúlio Vargas se alia a setores conservadores do Exército, que participaram do combate a coluna Miguel Costa-Prestes, de 1924, como por exemplo o então Tenente-Coronel Góes Monteiro, para compor o seu governo. Estes setores da sociedade que compunham o novo governo eram claramente de uma linha anticomunista.

O fato era que o comunismo era visto cada vez mais com um sentimento de repulsa e na passagem dos anos de 1920 para os anos de 1930, o bolchevismo passou a ser uma ameaça no imaginário das elites. Conforme os anos passavam esta questão aumentava e a Ação Integralista Brasileira (AIB), um partido inspirado nos modelos fascistas, foi criada em 1932²¹.

A análise do assunto nos mostra que tal sentimento não nasce de uma hora para outra, pelo contrário, é fruto de uma herança política e mentalidade conservadora das elites brasileiras, que obedecem a lógicas e mecanismos próprios, que mais tarde se combinaram com influências externas.

O perigo interno: o comunismo como ameaça constante

Evidentemente, as notícias internacionais ajudam a entender parcialmente o sentimento conservador no Brasil, mas não somente de fora vieram as ideias relacionadas à negação do comunismo. Em 1935, a “Intentona Comunista” propiciou que fossem construídas ideias contrárias ao comunismo de dentro para fora, ou seja, surgidas no interior das classes conservadoras do Brasil²².

²⁰Sobre este fato, Rodrigo Patto cita um trecho do livro de Dória Sampaio em que o autor acusa o governo federal de ser comunista e vale a pena ser aqui reproduzido: “Se isto não é comunismo, não há comunismo no mundo. Teme-se, e treme-se, entre nós, do espantinho comunista, que nos anda rondando o país. Mas não se repara que ele já está instalado, realizado, com tantas raízes firmes, na produção do café, e talvez, quem sabe? Sem que tivessem os seus autores a consciência de estarem implantando o comunismo.” DORIA, Sampaio. O comunismo caminha no Brasil. São Paulo, [s.n], 1933, p30. Apud MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Primórdios do anticomunismo no Brasil: 1917-1935”. In: *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P. 26.

²¹ Ricardo Benzaquem de Araújo e seu estudo sobre o integralismo pode ser interessante para esta discussão no sentido de complementar o debate aqui travado sobre o anticomunismo. A AIB lutava por uma sociedade harmônica e sem conflitos, dirigida por valores como Deus Pátria e Família. Dessa forma, devemos perceber o integralismo como um projeto ultraconservador para a sociedade brasileira, pautado nos ideais do positivismo, do espiritualismo católico, do pensamento fascista e do nacionalismo modernista e era, por estas razões, profundamente anticomunista. Ver ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

²² Infelizmente, por motivos que fogem de nosso controle, não foi possível averiguar a edição da Revista Militar Brasileira para o ano de 1935, pois a mesma não consta nos arquivos do AHEx, tampouco nos da BIBLIEx.

A única menção que a Revista Militar Brasileira faz aos acontecimentos de 1935 consta em sua terceira edição do ano de 1941²³. Tratava-se de um Boletim especial dirigido ao Exército pelo Ministro da Guerra Eurico Dutra que procurava enaltecer os soldados que combateram um perigoso inimigo.

Segundo o documento, o Exército brasileiro poderia ter ganho uma batalha, mas a guerra estaria longe de estar decidida, pois o inimigo era muito astuto e se misturava à tropa, tornando-se por isto muito mais perigoso:

Meus camaradas, enormes responsabilidades pesam sobre as forças armadas do país. Continuemos vigilantes, porquanto a solércia e astúcia são os processos de que se servem indícios e eternos inimigos para burlar-lhes a vigilância.

Malgrado o primeiro ímpeto, o inimigo da ordem não esmorece, não desanima, não dorme. Apenas muda de tática.

Disfarça-se, finge-se debilitado, esconde melhor as energias que se articulam. Infiltra-se em todas as fileiras, procura instalar-se ao nosso lado, simula comungar em nossos ideais, empenha-se em conquistar nossa simpatia e nossa confiança.²⁴

O General Dutra sabia que o inimigo não estava completamente derrotado, por isso, pedia extremo cuidado aos seus comandados. Através de sua fala podemos perceber o quanto os comunistas eram indesejados e até mesmo temidos. O principal fator de repulsa aos partidários de 1935 seria o seu completo desprezo pela pátria e pela bandeira.

O lema “ordem e progresso” deveria imperar acima de qualquer outro lema ou bandeira. Os ideais de Deus, Pátria e Família são valores que, segundo Dutra, o inimigo tenta a todo custo destruir. É dever do Exército resguardar tais ideais para que estes possam atravessar gerações, sendo dever dos soldados proteger o Brasil contra a desordem interna e a favor da soberania nacional. Desta forma, conseguimos perceber que o anticomunismo das Forças Armadas obedece a um movimento mais geral que refletia também na sociedade civil.

A Revista Militar Brasileira pode ser compreendida como um espaço onde todo o cenário político apresentado aqui será discutido. Em um artigo de 1936, a revista procurava discutir o conceito de guerra total de acordo com os ensinamentos do General Ludendorff, um herói militar alemão.

²³ Revista Militar Brasileira. Ano XXIX, Nº 4. Outubro a dezembro de 1941. Volume XXXVIII. AHEx.

²⁴ Idem. P. 367.

O artigo fora escrito pelo 1º Tenente de artilharia Henrique Oscar Wiederspahn²⁵ e se chamava “A Margem de ‘A guerra total’ de Ludendorff”.²⁶ O autor acreditava que todo o povo deve ser preparado para a beligerância, até o mais humilde cidadão deveria ser assim mobilizado, pois seria um dever da política nacional a preocupação com a guerra, mesmo em tempos de paz.

A discussão travada era que a arte da guerra deixa de ser um conflito entre nações ou um próprio capítulo de política externa somente. Ela se tornaria um assunto cada vez mais nacional. Sendo assim, para que certa nação adquira um nacionalismo coeso e desenvolva uma consciência nacional é preciso que o elemento marxista seja, nas palavras do autor, impermeabilizado pelas nações, como podemos observar:

Na guerra total, guerra do futuro, todo cidadão deve se sentir uma parcela da defesa de seu próprio povo. Quanto mais coesa a nacionalidade, moral e materialmente, mais consciente seu povo de seu nacionalismo, maior sua capacidade de resistência ante as investidas inimigas. E estas investidas não orientam somente as forças armadas com ofensivas terrestres, aéreas e navais e sim, também, com propaganda dissolvente pelo rádio, por panfletos e livros, agentes derrotistas e de pruridos separatistas etc. Isto quer dizer que as nações ainda não impermeabilizadas ante a infiltração marxista, pela couraça da mais elevada compreensão de seu dever e da realidade nacional, não estarão em condições de suportar uma guerra total sem se desagregar ou subverter.²⁷

Com uma aplicação direta no Brasil, o autor entende que os ensinamentos do General Ludendorff são extremamente proveitosos para a construção de um sentimento nacional no país. Como uma nação jovem, deveríamos “queimar todas as diretrizes de caráter partidário,

²⁵Nascido em 24 de novembro de 1906, possuía as medalhas de “Oficial da Ordem do Mérito Militar”, “Medalha do Pacificador”, “Medalha Militar de Bronze”, “Medalha Maria Leopoldina” e a “Medalha Alexandre de Gusmão”. Foi Reformado como Tenente-Coronel em 1949. Seu interesse pelo modelo alemão é justificável, dentre outras coisas, pela origem de sua família. Filho do engenheiro civil Henrique José Wiederspahn, de origem alemã, desde muito jovem se interessou pela literatura militar, em especial o modelo organizacional alemão. Membro de várias comunidades científicas no Brasil e na Alemanha, no qual podemos citar o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o a Sociedade Der Herold, em Berlim, seus arquivos mostram que este militar tivera uma vida muito ativa intelectualmente. Ainda quando era cadete, fora redator gerente da Revista da Escola Militar, da Escola Militar de Realengo, entre 1929 e 1930. Posteriormente, em 1936, participou da comissão de redação da revista A Defesa Nacional. Em uma carta muito interessante enviada pelo Tenente-Coronel ao seu amigo Major Amerino Raposo Filho, datada de 14 de maio de 1959, Wiederspahn se diz uma vítima do Estado Novo. Em suas palavras, o Ministro Eurico Dutra o perseguiu politicamente, acusando-o de integralista, coisa que o militar jamais admitiu. Fonte: Fé de ofício: Carlos Henrique Wiederspahn. Arquivo Histórico do Exército.

²⁶WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. A margem de “A guerra total” de Ludendorff. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército.

²⁷WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. A margem de “A guerra total” de Ludendorff. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P. 276.

regionalista e até mesmo pessoal para somente deixar viva o que irradiasse apenas a organização do Brasil como potência nacional”²⁸.

O maior inimigo de um povo seria o bolchevismo e o seu internacionalismo. Nenhuma nação que tivesse como ideal moralizador o marxismo poderia chegar à plenitude do que seria o ideal de guerra total, apertadário e nacionalista. O comunismo seria o grande defensor dos “apóstolos de pacifismos derrotistas e hipócritas que apenas visam quebrar o potencial de nacionalidade, todos estes irmanados na insidia da dissolução bolchevista”²⁹

Também é perfeitamente possível encontrarmos evidências do pensamento autoritário dentro deste discurso. Cláudia Wasserman define este tipo de pensamento como “aquele que apoia a utilização do aparato repressivo do Estado para excluir os setores populares da participação política e visa impedir a implementação de políticas sociais para proteger esses mesmos setores populares.”³⁰

Este autoritarismo relaciona-se com os setores dominantes da sociedade na medida em que os dois estão profundamente preocupados em manter afastado da esfera de poder elementos ligados ao setor operário e ao marxismo. No Brasil, autores como Plínio Salgado, Oliveira Viana e Alberto Torres se destacam como pensadores proeminentes do autoritarismo, como aponta Wasserman:

O pensamento autoritário conservador do período representado por estes autores teve como principal característica a contraposição ao comunismo e à participação política dos setores populares operários, mas serviu de instrumento e reforço para as políticas de Estado que defendiam a modernização conservadora.³¹

Desta forma, esta doutrina entendia o elemento marxista como algo alienígena à concepção de nacionalidade construída por um determinado povo e, de certa forma, a Revista Militar Brasileira acaba absorvendo para dentro de suas páginas este tipo de pensamento. Como foi observado, não era a primeira vez que um ataque frontal ao comunismo era feito em suas páginas.

A Revista Militar Brasileira dessa forma abre espaço para a divulgação de ideais políticos autoritários, que entendemos que se deu como uma forma de refletir as bases de um modelo de sociedade autoritária no qual a elite brasileira e o Exército estavam comprometidos.

²⁸Idem. P 277.

²⁹Idem.

³⁰ WASSERMAN, Cláudia. Raízes do pensamento autoritário na América Latina. In: ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: EdUPUCRS; FGV editora, 2013. P. 183.

³¹ Ibidem. P 186.

Tanto isto é verdade que ainda no ano de 1936 publica-se um artigo chamado “Patriotismo Militar”³², de autoria do médico Fernando de Magalhães.³³ Não era comum na prática da revista a cessão de espaço para que autores não militares escrevessem seus pensamentos. Para se ter uma ideia, nas edições de 1936 e 1937, somente dois artigos não foram escritos por militares³⁴.

Curiosamente, fora o Dr. Fernando Magalhães o autor destes dois artigos, o de 1937 falando sobre a revolução farroupilha e este de 1936 que examinaremos a seguir. Talvez o fato que explique a presença de seus artigos na Revista Militar Brasileira seja seu posicionamento político, completamente alinhado ao de seus editores e em última instância, ao Estado Maior do Exército.

Percebemos então que “Patriotismo Militar” representa bem estas convicções. Nele, o autor aponta um culpado para todo o caos social que se abateu sobre o ocidente nos últimos tempos: o comunismo. O olhar de que os comunistas do leste não passam de bárbaros³⁵ está presente em seu pensamento, mas nesta edição de 1936 da revista um elemento surge como incremento a este tipo de visão: o autoritarismo do Estado.

Antes da análise do artigo, torna-se pertinente entendermos as bases teóricas deste tipo de pensamento presente na intelectualidade. Como dito anteriormente, um dos traços da cultura política brasileira da década de 1930 seria o autoritarismo, que teve como um dos seus principais expoentes nomes como Oliveira Viana e Francisco Campos.

Estes autores consideravam necessária uma forte intervenção do Estado na Economia, chamando-as de reformas modernizadoras. Esta modernização seria necessária desde que não

³²Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.249.

³³ Ilustre membro da Academia Brasileira de Letras neste mesmo ano. Sua vida política é marcada por ter sido deputado do Estado do Rio de Janeiro durante a constituinte de 1934. Ainda em 1927 Magalhães funda o PDN (Partido Democrático Nacional), que fazia oposição a Washington Luiz, sendo um dos partidos que compunha a Aliança Liberal. Ver: <http://www.academia.org.br/academicos/fernando-magalhaes/biografia>. Acessado em 08/04/2020.

³⁴ Em 1936 foram escritos nove artigos e em 1937 dezoito artigos foram produzidos. Ver anexo IV e V, respectivamente.

³⁵ Um dos mitos mais antigos que se tem notícia é o mito da barbárie oriental. Edward Said, ao analisar tais fenômenos, chega à conclusão de que uma cultura dominante se apodera de outra, a desfigura e assimila, ou por outras palavras, como um vocabulário e um imaginário próprios são aplicados por Ocidentais para observar e descrever o Oriente e, nesta base, estruturar a percepção, o conhecimento coletivamente suportado pelas instituições e por elas transmitido. O Orientalismo é visto como a maneira de os Ocidentais pensarem e estudarem o Oriente: um conjunto de categorias e valores baseados nas necessidades políticas e sociais do Ocidente em detrimento das realidades concretas do Oriente. Formulou-se assim, no ocidente, um esquema de civilização x barbárie, sendo o oriente representado por um monstro que ameaça o mundo com forças caóticas e apocalípticas, ameaçando assim o modelo de vida ocidental. Este monstro tendia a ser violento e sangüinário, sempre apto a destruir as conquistas da civilização. Ver SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

alterasse em nada a estrutura da sociedade brasileira. Oliveira Viana, por exemplo, afirmava que esta modernização não poderia atacar a velha ordem tradicional, tampouco as tradições cristãs do Brasil. Mais ainda, o autor se via contrário à modificações na empresa privada e na sociedade patronal.

O pensamento autoritário pode ser relacionado a um conjunto das ideias reacionárias e conservadoras, que, a partir da Primeira República no Brasil, emergiu dos grupos intelectuais proeminentes. Este tipo de visão aborda questões sociais com uma instrumentalidade que visa a implementação de reformas modernizadoras “pelo alto”.

Esta ordem autoritária reivindicada por estes intelectuais via-se cada vez mais presente no interior do governo Vargas. Ainda em 1930, Oliveira Viana defendia que as grandes classes econômicas deveriam se colocar em condições de exercer poderes políticos no Brasil, onde a competência técnica deveria tomar o lugar da competência parlamentar.³⁶, abrindo espaço assim para o Estado corporativo que surge no país a partir da ascensão de Getúlio ao poder.

Mas para que este Estado autoritário corporativo pudesse ganhar forma, Oliveira Viana apontava um caminho, que era um projeto nacional cujas proposições básicas seriam definidas pelo autor ainda no ano de 1922, que eram a despolitização dos sindicatos e um controle econômico rígido das classes operárias.³⁷

Entendidas todas estas questões, podemos perceber que para Fernando Magalhães, em “Patriotismo Militar”, em 1916, no período da Revolução Russa, os bárbaros insaciáveis revolviam “às cinzas dos que se esvaíram na bravura”³⁸. A análise do comunismo como algo por vezes diabólico é feita de maneira muito clara, como podemos observar:

Das estepes glaciais descem para o ocidente as milícias luciferianas, ao encontro das turbas azedadas da descrença, licenciosa e torpe. Começa a derrocada sentimental. Nos dias funéreos, não há lamentações: há urros ferozes e troantes, revolvendo a alma pacífica dos humildes. Trapo vermelho, onde se cruzam o martelo e a foice. O vermelho é carnificina, o martelo é derrocada, a foice é execução. Transtornam-se os velhos símbolos e os valores imemoriais. A tribo de Pilatos, simulando por dois mil anos o nomadismo condenatório, não querendo volver aos pousos sagrados da Judéia, prefere invadir, para depredar, o mundo que os fariseus do sinédrio decidiram, em vão crucificar.

Tão satânico empreendimento dilacerou a flor da piedade humana, arrasou as instituições milenares educadas no amor: o amor de cada um a sua gente, a sua terra e ao seu Deus³⁹.

³⁶ABREU, L.A. Sindicalismo e corporativismo no Brasil. In: ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: EdPUCRS; FGV editora, 2013.

³⁷ Idem.

³⁸ MAGALHÃES, Fernando. Patriotismo Militar. In: *Revista Militar Brasileira*, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.249.

³⁹Ibidem. P.250.

O pensamento de Fernando Magalhães exposto nas páginas da Revista Militar Brasileira deixa evidente que para o autor existe um conflito entre Estado, que representa o empenho de um grupo, e Nação, que representa a consciência de um povo⁴⁰.

Este conflito se dá porque a Nação vai para o abismo, impelida pelo Estado. Magalhães enxerga uma total desorganização do Estado brasileiro, com suas “leis em tumulto, suas sentenças em falso, suas opiniões em desvario, seus homens em descrédito e suas armas em dispersão”⁴¹.

A culpa desta ameaça ao Estado seria do nosso maior inimigo interno, ou seja, o comunismo. Percebemos então que faz um apelo ao patriotismo militar, afirmando que somente com este elemento seria possível derrotar esta ameaça nacional. Para exemplificar, Fernando Magalhães cita o patriotismo militar na Espanha.

Entre 1936 e 1939 a Espanha passara por uma violenta guerra civil. Eric Hobsbawm se lembraria deste conflito como o resultado de disputas transnacionais travadas durante a década de 1930. Para o autor, este conflito mobilizou de maneira instantânea as “simpatias da esquerda e da direita na Europa e nas Américas, especialmente dos intelectuais ocidentais.”⁴²

Foi exatamente este conflito a ser elogiado por Fernando Magalhães. Para o autor, a guerra espanhola de 1936 tratava-se, antes de tudo, de um último capítulo de uma cruzada histórica entre a civilização X a barbárie, da cruz e dos valores morais cristãos contra a foice e o martelo.

Esta batalha de valores morais com bases nacionalistas era insistentemente evocada nas páginas da Revista Militar Brasileira por Fernando Magalhães. Para o autor, o Brasil deveria seguir o exemplo da Espanha e o seu patriotismo militar, protegendo a pátria dos inimigos da nação:

Se o Brasil, para sua dolorosa expiação, enfrentasse a carnificina deflagrada pelos usurpadores da vontade de um povo piedoso e firme, repetiria a epopeia da velha Hespanha [sic] legendaria que, na hora decisiva, manda ao encontro da onda desembestada os soldados caminheiros da libertação⁴³

⁴⁰MAGALHÃES, Fernando. Patriotismo Militar. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.251.

⁴¹Ibidem, P 252.

⁴²HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. P. 157.

⁴³MAGALHÃES, Fernando. Patriotismo Militar. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.253.

A desordem civil provocada pelo conflito espanhol só poderia ser remediada pelo militarismo. Uma educação militar e um exército forte, mantenedor da ordem são os elementos perfeitos, segundo o autor, para uma sociedade organizada em valores morais considerados ideais.

Praticamente um ano antes do golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, que contou com a intensa participação do Estado Maior do Exército brasileiro, o clima nas páginas da Revista Militar Brasileira já era de efervescência política e de um clamor pela intervenção do Exército na sociedade contra o inimigo interno.

Dessa forma, gostaríamos de contribuir para este debate. Este autoritarismo era defendido nas páginas da Revista Militar Brasileira já em 1936 e a guerra civil espanhola era vista por intelectuais de renome, como Fernando Magalhães, como um modelo ideal de como o Exército deveria agir contra inimigos internos, que podemos entender como sendo os comunistas. Defendemos que a publicação de artigos desta natureza na revista significa, no mínimo, que tinha a concordância dos chefes militares do E.M.E., que a esta altura era comandado pelo General Arnaldo de Souza Paes de Andrade e a Revista Militar Brasileira era dirigida por Francisco de Paula Cidade.

Perigo externo: ataques diretos à URSS

Como observamos, a Revista Militar Brasileira não estava indiferente aos processos políticos colocados em discussão neste momento. Embora no início da década de 1930 a revista tenha recebido uma significativa influência tanto dos jovens turcos quanto da missão francesa, a crítica política não deixava de permear suas páginas.

Em artigo publicado na edição nº 3 do ano de 1930, comentava-se sobre a doutrina militar soviética. Intitulado “O Exército russo dos soviets”⁴⁴, foi escrito por Alexandre Smirnoff, publicado originalmente em The Army Quaterly em outubro de 1929 e fora traduzido pelo Capitão Francisco Paula Cidade.

Entendemos que embora o artigo fosse traduzido de outra revista, este era o pensamento também dos editores da Revista Militar Brasileira e, em ultima instância, do Estado Maior do Exército brasileiro. Do contrário, dificilmente seria publicado em suas páginas.

⁴⁴Revista Militar Brasileira. Ano XX, Nº 3. Julho a setembro de 1930. Vol. XXIX. BIBLIEX.

Inicialmente, trata-se de um estudo sobre a organização do exército soviético do ponto de vista dos fatores espirituais. Em seguida, uma sutil crítica, embora indireta, ao regime bolchevique. O autor se propõe a analisar os principais defeitos de sua organização militar que, segundo ele, derivam do ambiente político do qual vive a URSS.

Dentro do ensino militar, os princípios comunistas eram a principal matéria dos alunos. Cerca de 70% dos oficiais eram inscritos no partido comunista soviético. Para o autor, esta era uma das características negativas da doutrina militar soviética. Todo oficial era instruído segundo as teorias de Karl Marx.

Por que então que a doutrina comunista seria prejudicial ao Exército soviético? Esta pergunta é claramente respondida nas páginas da revista. A doutrina marxista ajuda a estabelecer uma rede de vigilância interna de espionagem dentro das forças armadas e quem logicamente é tímido ou indeciso é, segundo o próprio autor, eliminado.

Em 1921 foi criado um serviço de ligação para impedir que os princípios políticos do exército não destoassem do comunismo. O objetivo deste serviço era assegurar que a oficialidade soviética não traísse os princípios políticos bolchevistas, sendo criadas inclusive as escolas do serviço secreto, que tinham como objetivo iniciar uma rede em todo o país para garantir que o Exército de fato assumisse os princípios comunistas.

Segundo o autor, no velho regime Czarista a Rússia possuía uma doutrina militar que permitia a existência de um espírito agressivo entre seus oficiais. Porém, os resultados práticos da guerra de 1914 representam a falência deste tipo de modelo. Evidentemente, o que o autor deste artigo está querendo dizer é que o modelo organizacional do exército vermelho é inferior ao exército Czarista.

Em relação ao comando do Exército, o autor aponta que o seu pior defeito é a sua organização. Como todos os membros de um soviete tomam as decisões, o comando individual acaba por ser suprimido. Segundo o autor:

[...] não existe o comando individual, porque todos os membros de um soviete militar tomam parte nas discussões e forma um corpo diretivo, ao passo em que a seção encarregada dos transportes em caso de guerra fica sob a direção de uma única pessoa, embora esta seja controlada por um ou dois membros.⁴⁵

Os chefes militares da URSS, na opinião do artigo, eram seguros. No entanto, eram diariamente vigiados por comissários que não os deixavam só um único instante. O maior temor

⁴⁵Idem

dos soviéticos, conclui autor, era de que o seu exército caísse nas mãos de algum caudilho de caráter enérgico.

Críticas ao regime bolchevista são feitas a todo o momento, seja de maneira direta ou de maneira mais sutil. Dessa forma, o grande problema era a falta de confiança do governo em seus chefes militares e uma crítica bastante dura é feita nas páginas da Revista Militar Brasileira: “onde reina a suspeita e onde não existe nenhuma confiança na estabilidade moral dos indivíduos, não pode haver um regime sólido.”⁴⁶

Mas uma das críticas mais duras se refere ao alistamento obrigatório nas fileiras do Exército Vermelho, como se pode observar a seguir:

[...] como os soviets pregam em teoria o evangelho da liberdade em todas as suas formas enquanto que na prática a suprimem inteira ou quase inteiramente. Não há mais nenhuma isenção: todos os capazes devem servir no exército regular ou na milícia, como o objetivo do governo, em más condições financeiras, é ter um exército numeroso com a menor despesa possível, passa pela milícia, que é menos dispendiosa, um contingente duplo do que é incorporado ao exército regular.⁴⁷

Fica claro que a Revista Militar Brasileira publica em suas páginas um artigo afirmando que o grande problema do Exército soviético não eram seus chefes militares, tampouco sua doutrina. O grande problema do exército vermelho era o governo bolchevique e o marxismo pregado dentro dos órgãos militares.

Embora um dos ensinamentos, tanto dos franceses quanto dos alemães, fosse a conservação da ideia de soldado profissional, o anticomunismo não deixa de ser ponto de pauta de grande parte da oficialidade nem mesmo neste momento. É bem verdade que críticas mais severas serão feitas na medida em que o intervencionismo de Estado ganha espaço entre a oficialidade, mas é possível afirmar que mesmo quando estas disputas políticas ainda estavam indefinidas, o sentimento anticomunista era uma espécie de liga que, pelo menos quanto a esta matéria, unia grande parte da oficialidade.

Dizemos isto porque a revista não ataca o comunismo enquanto ideologia pura e simplesmente, ela o faz, mas analisando aspectos técnicos de um exército que o autor do artigo considera obsoleto e fadado ao fracasso a menos que este exército tome o poder em suas mãos e acabe de uma vez por todas com o comunismo, do contrário, este regime tende a se perpetuar no poder e todo este estado de coisas que jogam o exército vermelho a degradação permanecerão:

⁴⁶ Idem

⁴⁷ Idem.

Este estado de coisas continuará naturalmente enquanto o exercito russo não tomar o poder em suas mãos e não constituir uma ditadura militar que substitua o regime que sufoca a todas as individualidades e não deposita confiança em ninguém

Como podemos observar, o autor não se refere ao “exército vermelho” ou ao “exército soviético”, mas sim ao “exército russo”, em clara alusão ao regime existente na Rússia antes do processo revolucionário que culminara com a revolução de outubro de 1917, o regime czarista. Mais ainda, a partir deste trecho podemos observar como o consenso em torno do autoritarismo se fazia presente neste período, pois a solução para os soviéticos seria uma ditadura militar encabeçada pelo seu exército.

Concordamos aqui com a análise de Claudia Wasserman, ao afirmar que o autoritarismo se coloca como regra na história da América Latina e já na década de 1930 não era nenhuma novidade no Brasil.⁴⁸ Acreditamos que seja por conta destas heranças políticas que a Revista Militar Brasileira incorporou para dentro de suas páginas um artigo que apresenta uma ditadura militar como remédio contra o crescente bolchevismo do exército russo.

Há ainda uma ultima questão a ser discutida: por mais que os comandantes militares fossem capazes em suas funções, os mesmos estariam sempre vigiados de perto por comissários que inibiriam suas ações e seu poder de decisão. Portanto, surge uma pergunta: qual é a eficiência bélica deste exército?

Nenhuma, argumenta a revista. Isto porque os chefes militares da URSS não possuíam nenhuma liberdade para comandar. Numericamente, era uma força militar muito poderosa, porém fraca espiritualmente justamente pelos motivos debatidos anteriormente. Em um país em que não exista uma sólida doutrina de guerra e onde não existe uma sólida individualidade militar, poucas são as chances de sucesso na guerra.

Essa é a conclusão a que chega o artigo publicado nas páginas da Revista Militar Brasileira em 1930, a de que o Exército Vermelho não teria condições de sucesso em uma eventual guerra, que naquele momento, estava se desenhando na Europa. Somente a destruição do regime soviético comandada por um ditador militar poderia salvar a Rússia e coloca-la novamente no caminho do progresso.

⁴⁸ O autoritarismo pode ser explicado ainda no início do século XX, quando as Forças Armadas asseguram que as oligarquias primário-exportadoras continuem no poder, especialmente em momentos de crises econômicas, quando esta classe dirigente era questionada pelo movimento operário ou pelas classes médias, se valiam deste modelo para se perpetuarem no poder. Ver: WASERMAN, Cláudia. Raízes do pensamento autoritário na América Latina. In: ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: EdPUCRS; FGV editora, 2013.

O curso da história nos mostra que o autor estava errado a respeito de sua análise sobre a URSS e o seu exército. Não é objetivo desta dissertação o aprofundamento da discussão sobre o papel da URSS na vitória contra o nazismo. Mas é importante sabermos que o Exército Vermelho foi fundamental para o esmagamento do regime nazista alemão, avançando a partir da frente leste, sobre territórios dominados pela Alemanha. Batalhas como Moscou, Stalingrado e Kursk mostraram o alto valor de suas forças militares e do povo soviético no curso da guerra.

Somente para que possamos ter uma ideia da contribuição soviética na derrota do regime nazista na Segunda Guerra, das 783 divisões utilizadas pela Alemanha e seus aliados durante o conflito, 607 (ou 77,5%) foram destruídas pelos soviéticos. Os demais países membros da mesma coalisão que pertencia a URSS foram responsáveis pela destruição das outras 176 divisões (22,5%).⁴⁹

É interessante notarmos o desprezo com que os editores da revista tratavam a frente leste na guerra, no qual a URSS estava inserida, sofrendo pesadas perdas. Iniciada em julho de 1942, a batalha de Stalingrado não foi sequer mencionada neste ano pela revista, diferentemente da imprensa civil, que a partir de julho de 1942 passou a noticiar o que se passava naquele campo de batalha⁵⁰.

Como já mencionamos, em 1942 foram publicados 30 artigos e nenhum se remetia à frente Leste. Por outro lado, a partir deste mesmo ano, a direção da revista separou um espaço somente para discutir a guerra. Foi criada a seção “Noticiário de Guerra”, que aparece pela primeira vez na edição nº 4 de 1942⁵¹.

Este espaço era dedicado inteiramente a informar ao leitor sobre os acontecimentos e novas tecnologias que a guerra iniciada em 1939 trouxe. Desta forma, apenas a guerra na

⁴⁹ Estes dados foram colhidos de um pequeno artigo escrito pelo professor Dennison de Oliveira chamado Antes Hollywood, a URSS, disponível neste endereço:

<http://hid0141.blogspot.com.br/2013/08/antes-de-hollywood-urss.html>.

⁵⁰ Fizemos uma consulta nos acervos digitais de dois dos principais jornais do país na época: Folha de S.Paulo e Jornal do Brasil e percebemos que estes veículos de comunicação, desde cedo, já noticiavam detalhadamente o que ocorria na frente leste da guerra, o qual a URSS estava inserida, incluindo aí Stalingrado. Mesmo não sendo foco principal desta pesquisa o papel da imprensa na cobertura da Segunda Guerra, achamos por bem fazer este breve comentário para argumentar que não era por falta de fontes e informação que a Revista Militar Brasileira não noticiava o que lá se passava.

[http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=Stalingrado+&commit.x=36&commit.y=19&date\[day\]=&date\[month\]=&date\[year\]=&fdm=1&fdn=1&final_date=31%2F12%2F1943&fsp=on&group_id=0&initial_date=31%2F07%2F1942&page=7&phrase=&theme_id=0&utf8=%E2%9C%93&without_words=](http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=Stalingrado+&commit.x=36&commit.y=19&date[day]=&date[month]=&date[year]=&fdm=1&fdn=1&final_date=31%2F12%2F1943&fsp=on&group_id=0&initial_date=31%2F07%2F1942&page=7&phrase=&theme_id=0&utf8=%E2%9C%93&without_words=words=)

<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19420811&printsec=frontpage&hl=pt-BR>

⁵¹ Revista Militar Brasileira. Ano XXX, Nº 4. Outubro a Dezembro de 1942. Vol. XXXIX. AHEx.

Europa e no norte da África eram tratados. A partir da criação deste espaço informativo a revista passa a tratar basicamente da campanha do norte da África, no qual os EUA estavam inseridos⁵²:

Noticiário de Guerra:

Precedido pela fotografia do Tenente-General Dwight D. Eisenhower, comandante geral das tropas aliadas em o Norte da África, publicamos o nosso noticiário de guerra. Encerrando-o, apresentamos, com as respectivas fotografias, alguns dos novos armamentos usados pelos ingleses na campanha da África e o material bélico composto de carros de combate, canhões e armamento portátil, capturado aos alemães e japoneses, pelos ingleses e norte-americanos, nas batalhas de El-Alamein, Guadalcanal e Nova Guiné.⁵³

A única vez em que a Revista Militar Brasileira mencionou Stalingrado foi em uma pequena nota de 21 linhas em 1944⁵⁴. Gostaríamos de mencionar que, além de ser a única vez em que a revista trata do assunto, o irrisório artigo evidencia o total desprezo pelo exército soviético e suas táticas militares. Reproduziremos a nota na íntegra abaixo para que o leitor possa saber precisamente do que estamos falando:

A batalha de Stalingrado

Em 1942, os alemães se internaram profundamente na Rússia, mas desta vez se lançaram para o sul, bem longe de Moscou. Os principais exércitos russos retraíram-se para N.E. e tenazmente mantiveram o Don superior. A 14 de setembro Bock havia cercado o 62º Exército do General Chuikov na grande cidade de pedra de Stalingrado. Lá, durante dois meses, até 19 de novembro, teve lugar a clássica batalha de cidades, de todos os tempos.

Esta batalha de ruas foi conduzida por pequenos grupos impetuosos de seis a cem homens audaciosos, armados com metralhadoras de mãos, granadas de mão, punhais e pás de ferro. O fogo de artilharia era, muitas vezes, completamente inútil. Grandes combates corpo a corpo tiveram lugar pela disputa de montes de pedras de 20 metros de largura. Os postos de comando eram as adegas abaixo do nível do solo. Mais uma vez os alemães fracassaram por um triz.

O ponto culminante da guerra foi o 19 de novembro, quando os russos lançaram dois grupamentos de tanques e cavalaria sobre as retaguardas dos alemães, engarrafando assim, os sitiadores de Stalingrado. Uma sorrateira força de cinco tanques, disfarçados como si fossem alemães, capturou a pote de Kalach, antes que os alemães a pudessem fazer voar. O 6º Exército alemão de Von Paulus recebeu ordens de permanecer em Stalingrado e perecer lá. Ele assim o fez.⁵⁵

⁵² Consultar: FILHO, Cesar Alves da Silva. *O namoro perfeito: o papel da Revista Militar Brasileira na construção do consenso político entre o Exército e o governo Vargas (1930-1945)*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Universidade Salgado de Oliveira. PPGH UNIVERSO, 2017.

⁵³ Revista Militar Brasileira. Ano XXX, Nº 4. Outubro a Dezembro de 1942. Vol. XXXIX. AHEx. P 617.

⁵⁴ Revista Militar Brasileira. Ano XXXII, Nº 1 e 2. Janeiro a junho de 1944. Vol. XLI. AHEx.

⁵⁵ Revista Militar Brasileira. Ano XXXII, Nº 1 e 2. Janeiro a junho de 1944. Vol. XLI. AHEx. P. 156.

O mesmo acontece com relação à batalha de Moscou, no qual a revista pouco fala. Na verdade, uma menção é feita nesta mesma edição de 1944. No entanto, este artigo é bem mais detalhado do que o anterior, sobre Stalingrado, pois ele, além de se estender para além de 21 linhas, ainda contém informações táticas sobre a ofensiva alemã sobre a URSS.

Em “A batalha de Moscou⁵⁶”, escrita pela equipe editorial da revista, é oferecido ao leitor um informativo geral sobre a situação das tropas alemãs invasoras da URSS. O artigo conta com um total de onze diagramas sobre o plano de defesa soviético sobre a cidade e algumas informações sobre os últimos acontecimentos no que diz respeito ao exército alemão, não é oferecido nenhum tipo de análise mais profunda sobre o Teatro de operações no qual os soviéticos estavam lutando, como podemos observar:

A Batalha de Moscou

A coisa mais curiosa que já aconteceu a um conquistador em toda a história militar é mostrada nos diagramas que se seguem. Precedeu-a de 22 de junho a 6 de dezembro de 1941, a mais formidável operação militar até hoje levada a efeito. Naquela ocasião, os alemães haviam avançado 900 km no interior da Rússia.

Pelo número de prisioneiros capturados, concluíram que aos russos nada mais restava, senão um bando desarmado e mal comandado e apregoaram a destruição do Exército russo.

No entanto, no comando de Moscou, estava o General Zhukov que, com incrível calma, deixou seu país ser invadido, enquanto reunia e escondia seus melhores Exércitos, nas florestas em torno da capital soviética. Seguiu apenas o conselho de Clausewitz, advertia ser o momento mais oportuno para uma contra ofensiva, tendo o inimigo superioridade numérica, aquele em que atingisse a maior profundidade de penetração no território que se deveria defender. Reservas frescas e bem armadas, que os alemães desconheciam totalmente, compunham os sete Exércitos vermelhos de Zhukov e seus dois corpos de cavalaria. Os primeiros foram postos lentamente em ação em 27 de novembro. No dia 6 de dezembro os alemães atingiram o ponto de sua maior penetração em torno de Moscou – e ainda não haviam esmagado as linhas vermelhas, ao norte e sul da cidade. No dia seguinte, o General Guderian, expediu a ordem de retirada para S.E. A Rússia estava salva.⁵⁷

Achamos por bem reproduzir na íntegra estes dois artigos, tanto “A batalha de Stalingrado” quanto “A batalha de Moscou”, pois argumentamos que a Revista Militar Brasileira assume um posicionamento político cada vez mais anticomunista em suas páginas e por isso não havia o interesse dos seus editores em reproduzir com profundidade nada que viesse da frente leste da guerra.

⁵⁶ Revista Militar Brasileira. Ano XXXII, Nº 1 e 2. Janeiro a junho de 1944. Vol. XLI. AHEx. P.148.

⁵⁷ Idem.

Reforçamos nosso argumento devido ao fato da imprensa nacional ter noticiado a campanha soviética na guerra, mesmo que em menor proporção em relação à campanhas no norte da África e na Europa, onde os EUA estavam inseridos. Portanto, não faltava aos editores da revista informações sobre o que ocorria dentro da URSS, mas se a Revista Militar Brasileira ignorou quase que completamente a frente leste, ela o fez por opção.

Conclusão

Nestas breves páginas tentamos compreender de que maneira foi construído o consenso entre o Exército Brasileiro e o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) em torno da temática do anticomunismo.

Para tanto, usamos como referência a Revista Militar Brasileira, o veículo de comunicação oficial do Estado-Maior do Exército. Esperamos ter contribuído com o estudo das relações entre Vargas e os militares, sobretudo porque nosso objeto de estudo é pouco conhecido pela historiografia. Assim, esperamos despertar a curiosidade de outros pesquisadores sobre esta fonte.

O que entendemos é que dentro de um sistema complexo do jogo do poder no interior do governo, correntes diversas acabaram por enfrentarem-se em alguns momentos da história política referente à década de 1930 e 1940.

No caso do Exército, o estudo da Revista Militar Brasileira como objeto principal nesta pesquisa se mostrou interessante porque através da análise de suas páginas pudemos ter noção das ideias políticas que permeavam as discussões da oficialidade brasileira nas referidas décadas.

Procuramos demonstrar que alguns modelos de pensamento eram constantes dentro da oficialidade brasileira, o que acabou por reverberar nas publicações da revista. O primeiro destes modelos era o do soldado profissional, o segundo o do intervencionismo e o terceiro modelo, o único que não aparece nas publicações pesquisadas neste trabalho, era aquele influenciado por ideias comunistas.

A partir da separação teórica destes três modelos, este trabalho buscou identificar onde e quando a revista buscava trazer para seu interior artigos influenciados por tais linhas de pensamento. Sendo assim, o que percebemos é que aos poucos, a ala intervencionista de pensamento foi ganhando um espaço maior a cada numero publicado.

A questão do anticomunismo era muito presente, mesmo nos momentos em que a concepção de soldado profissional era predominante. A primeira vez que este tema é publicado ocorre em 1930 ainda, mas os ataques a URSS e a sua ideologia permanecem constantes, sobretudo após 1935 e Intentona Comunista, onde o inimigo não seria mais externo, mas também interno.

Na medida em que o regime conhecido como Estado Novo se configurava, a Revista Militar Brasileira cada vez mais se comprometia com os ideais políticos do novo regime. Assuntos como o debate acerca de uma nova constituição, o anticomunismo e a questão industrial se aprofundaram nesta fase, que podemos entender que se deu entre 1936 e 1941.

Mas todo este processo descrito nestas breves linhas acima não aconteceu uniformemente ou sem nenhuma resistência intelectual. O que acreditamos e tentamos demonstrar nesta pesquisa, foi que a Revista Militar Brasileira, muitas das vezes, era um espaço de discussão de ideias, valores e doutrinas de interesse da oficialidade.

Este consenso político entre o Exército e Vargas não seria possível sem o elemento do autoritarismo presente nos dois espaços, que, a nosso ver, foi fundamental para unir estes dois atores políticos. Se, nas palavras de José Murilo de Carvalho, a relação entre os militares e Getúlio pode ser dividida em casamento e lua-de-mel (1930-37 e 1937-45, respectivamente), nós afirmamos que o autoritarismo foi uma espécie de “padre”, ou seja, aquele que no altar “uniu e abençoou esta relação”, que a principio pareceria que duraria toda uma vida, como em todos os casamentos.